Caderno de História nº 32
Memorial do Rio Grande do Sul
Voltaire Schilling



Goya e a Espanha de sua Época

Governo do Estado do RS – Yeda Crusius
Secretaria de Estado da Cultura – Mônica Leal

19889-Memorial do RGS - Livreto 1 1 14/6/2007 14:17:28

Goya e a Espanha de sua Época

Como nas tantas histórias encantadas conhecidas, arábicas ou persas, foi, de certo modo, através dos tapetes que *Francisco de Goya y Lucientes* (1746-1828), artista até então desconhecido na Espanha, chegou às portas da Corte de Madri no ano de 1774. Começava assim, com o seu amparo técnico às artes das tapeçarias, uma das mais prolíferas e espantosas carreiras artísticas de um grande mestre das cores, tido por alguns críticos como o primeiro dos pintores modernos dos vários que a Espanha gerou.

Tempos Extraordinários

Goya, em sua vida adulta, transcorrida entre 1766 e 1828, ano da sua morte, conheceu tempos extraordinários. Época marcada por violentos e contraditórios acontecimentos nos quais Tradição e Iluminismo, Absolutismo e Liberalismo, Inquisição e Tolerância, Revolução e Reação, Império e Nacionalismo, Colonialismo e Independência, Barroco e Classicismo travaram batalhas formidáveis, verdadeiramente titânicas, para a conquista da hegemonia sobre a Europa e o Novo Mundo, bem como sobre os destinos dos povos.

Ainda que com um poder declinante, periférico, o Império Espanhol – o maior de todos em extensão - viu-se cenário daqueles embates todos e palco vivo das desavenças que abalavam o Mundo Ocidental até os seus fundamentos, fazendo que a obra artística de gênio do pintor refletisse tudo aquilo.

Ele já era homem maduro quando chegaram as notícias de que o povo de Paris, insurgido em 14 de julho de 1789, havia tomado de assalto a fortaleza da Bastilha, símbolo do despotismo de Luís XVI, dando início à “guerra das cabanas contra os palácios”, confronto que se espalhou por larga parte da Europa.

19889-Memorial do RGS - Livreto 2 2 14/6/2007 14:17:34

Acontecimento extraordinário que circulou de boca em boca, visto que o Conselho de Castela, assustado, decidira impor a censura prévia à imprensa e, um pouco depois, em fevereiro de 1791, determinou inclusive a proibição de toda a venda de jornais que não fossem os oficiais.

Goya, sexagenário e bem surdo soube dos levantes ocorridos no Novo Mundo, quando os antigos vice-reinos espanhóis das Américas (Nova Espanha, Nova Granada, Peru e Prata) foram sacudidos pelos gritos de independência que, desde 1810, iriam arrastar a Coroa da Espanha para uma longa guerra - travada desde a meseta mexicana até a bacia do rio da Prata - contra os caudilhos republicanos insurgentes (San Martín, Bolívar, Sucre, Iturbide), que somente culminou quinze anos depois, na derrota do exército real em Ayacucho, no Peru, e na aceitação do fato consumado: Madri perdera a maior parte do seu Império Americano.

O Impacto do Iluminismo na Espanha

Embora que por muito tempo absorta em si mesma, distanciada das coisas da Europa pela cordilheira dos Pirineus e pelo ultraconservadorismo da sua Igreja, a Espanha do rei, dos padres e dos camponeses, das touradas e do flamenco, por ser sede de um império mundial, não ficou à margem da contundência das idéias que estavam provocando ebulição nos meios cultos e nas cortes mais avançadas dos reinos vizinhos.

O Movimento Iluminista, que tomara fôlego desde a França, estava patrocinando uma mudança radical das mentalidades. Os homens deviam ser despertados da sua longa letargia mental e da subordinação que devotavam à tradição e aos costumes. Começar a ousar, a pensar por si mesmos, com total autonomia, sem recorrerem a nenhuma outra autoridade senão que a autorizada pela Razão.

19889-Memorial do RGS - Livreto 3 3 14/6/2007 14:17:34

Na época de Goya, a população espanhola pouco ultrapassava os 10 milhões de habitantes, sendo que a Igreja Católica dispunha de uma quantidade enorme de sacerdotes, frades e freiras, cujo total calcula-se em torno de 200 mil pessoas (três vezes mais do que a França e duas vezes mais do que a Itália). Havia, ainda, uns 400 mil chefes de família da fidalguia, que controlavam as terras, sendo que os aristocratas formavam, em geral, uns 10% da população, dominando os 22 mil *pueblos* que compunham as comunidades espalhadas pelo país.

Segundo um embaixador francês, na Espanha, o povo baixo tem um gosto vil; se dedica sobre tudo às processões, corridas de touro e ao amor, na sua forma mais brutal. A burguesia está descontente e sofre um empobrecimento geral. O clero e a nobreza morrem de fome num solo que só é cultivado pela metade.

Nessas circunstâncias, somente um grupo muito rarefeito de pessoas da alta sociedade se reúnem para debater as novas idéias que fluem vindas da França. Eles passam a se chamar *los ilustrados.*

O Estado, entendido pelo Absolutismo como um meio de reforçar o poder do monarca, ainda que à custa dos sacrifícios dos súditos, foi percebido, desde então, como um poderoso instrumento para auxiliar o povo a sair da miséria. Era uma ferramenta a ser utilizada pelo soberano para executar políticas filantrópicas e solidárias, um magnífico agente da reforma política, social e econômica, exigida pelos novos tempos, que tinha por meta implantar a felicidade de todos, ainda que os procedimentos por ele empregados fossem autoritários. Nascia, assim, sob a égide do pensamento de muitos filósofos do século XVIII, o Despotismo Ilustrado, com a função de impor o esclarecimento das coisas, mesmo que de cima para baixo, para afastar os súditos, homens e mulheres, daquele clima opressivo criado pela pregação religiosa sem fim e pelo mandonismo senhorial, exercido pela nobreza, visto que um povo de beatos jamais alcançaria a ilustração.

19889-Memorial do RGS - Livreto 4 4 14/6/2007 14:17:35

Os Ilustrados de Carlos III

Em Madri, coube a Carlos III, que reinou entre 1759-1788, terceiro filho de Fernando V com a bela Isabel de Farnese, assumir a bandeira das reformas para arrancar a sociedade espanhola do arcaísmo a que ela parecia estar condenada. Uma série de ministros dele (os *ilustrados* **Marquês de Esquilache, Aranda, Campomanes, Floridablanca**, **Wall** y **Grimaldi**), entre 1760 e 1790, foram os executores, por vezes contraditórios, do que podemos denominar de política espanhola do esclarecimento.

Entre as determinações dos *Ilustrados* estava a dinamização das indústrias e do crescimento tecnológico e material, alavancada pela proliferação de Sociedades de Economia (a primeira foi fundada pelo Conde de Campomanes, em 1775), o estímulo à dignidade do trabalho com valorização do artesão, o impulso para que a fidalguia decidisse melhor a produtividade das grandes propriedades ao tempo em que retirava da pequena nobreza o privilégio de não ter que trabalhar, o projeto de colonização nas terras abandonadas da Igreja (que Pablo de Olavides tentou levar à prática), a fundação de hospitais e hospícios, a melhoria do ensino superior, a limitação dos poderes da Igreja Católica, a diminuição da autoridade dos Tribunais do Santo Ofício e, como conseqüência, uma maior tolerância para com a as opiniões divergentes.

Chegaram ao ponto, os reformistas, de determinar, pela Pragmática de 1766, a expulsão da Companhia de Jesus (inimiga jurada dos Iluministas, acusada de fomentar a rebelião popular da “capa e do sombreiro”, também conhecida como a Revolta de Esquilache, eclodida em Madri em 1766), ao tempo em que procuraram inutilmente acelerar a integração dos ciganos como súditos com direitos equivalentes aos demais espanhóis, desde que deixassem de falar o caló, seu idioma peculiar, e abandonassem a vida nômade (Pragmática de 1783).

19889-Memorial do RGS - Livreto 5 5 14/6/2007 14:17:35



A Revolta contra Esquilache, 1766 - Goya

A suspensão das reformas

Essa reforma, que se petrificou e até reverteu por efeitos dos pavores gerados pela Revolução Francesa, deixou explícito que as propostas dos *iluminados* fatalmente promoveriam uma insurreição em massa, acompanhada por banhos de sangue, como acontecia na França daquela época, o que contribuiu para que a elite espanhola, tomada de pânico, acreditasse que o tradicionalismo e o imobilismo social e religioso eram um mal menor perante a fúria dos jacobinos. Os monges inquisidores lhes assumiram então como menos sanguinários do que os comissários de Robespierre, fato que serviu de inspiração à conhecida gravura de Goya "Os sonhos da razão produzem monstros" (1796-7).

Por isso, pelos destemperos dos acontecimentos de Paris, os políticos reformistas e os humanistas espanhóis pagaram um preço alto: o banqueiro liberal Cabarrus (cujo conselho resumia-

19889-Memorial do RGS - Livreto 6 6 14/6/2007 14:17:35

se no dito “Poucas leis, deixai fazer e observai”) foi confinado pela Inquisição; mesmo destino teve Mariano Luis de Urquijo, tradutor de Voltaire, seguido do escritor e ensaísta Gaspar de Jovellanos, um asturiano amigo de Goya, desterrado para a ilha de Maiorca, entre 1800 e 1808; Pablo de Olavide, por sua vez, que fora detido por “heresia”, teve de fugir para o exterior, enquanto que, reforçados pela retomada da censura geral, os tribunais do Santo Ofício voltavam a plena atividade, apoiados por manifestações públicas dos seus familiares que saíam às ruas com seus capuzes pontudos e com tochas na mão para esconjurar os demônios vindos de fora, que queriam tomar conta da sua Espanha.(*)

A política antiiluminista então adotada no reino de Carlos IV (1788-1808), sucessor de Carlos III, visou principalmente os livros. As alfândegas receberam ordens terminantes de impedir que qualquer volume vindo do exterior pudesse entrar no território peninsular. A Espanha tradicionalista, fidalga e carola, procurava, assim, calafetar qualquer possível abertura que viesse a colocá-la em perigo. Tudo indicava que a velha sociedade parecia novamente reproduzir a vitória que tivera nos séculos anteriores, na época do Renascimento, quando os teólogos reacionários aliados aos inquisidores esmagaram a influência do humanismo erasmista entre a elite acadêmica espanhola, no século XVI.

(*) A Inquisição criada pelos reis católicos Fernando e Isabel em 1478, para estabelecer uma política de uniformização da fé nas áreas recém conquistadas dos mouros, levada a cabo primeiramente pelo cardeal Torquemada, foi uma das instituições mais nefastas da história ocidental. Por meio dos Tribunais do Santo Ofício e de Autos-de-fé, a Igreja e o Estado perseguiram e submeteram aos tormentos por mais de três séculos a todos a quem considerava ser uma ameaça étnica ou religiosa, particularmente os judeus e os mouriscos. Tornou-se símbolo da intolerância e da opressão oficial, procurando sufocar todo o pensamento e a criatividade da sociedade ibérica. Apesar dos liberais das Cortes de Cádiz tentarem sua supressão em 1812, somente foi de fato encerrada em 1843, após 365 anos de funcionamento.

19889-Memorial do RGS - Livreto 7 7 14/6/2007 14:17:36

Pão e Touros



Touradas - Goya

Reagindo contra tal maré tradicionalista e reacionária, circularam panfletos e outros escritos de jovens inconformados com o retrocesso, denunciando aquela situação de retomada da ditadura monárquico-católica sobre o pensamento ilustrado. Numa delas, Marchesana, um ex-estudante de Salamanca, no seu chamamento *"A la nación española"*, escreveu:

> *"Já não é tempo da nação sacudir o intolerável jugo da opressão sobre o pensamento? Não é tempo para que o governo suprima um tribunal de trevas que envergonha até mesmo o despotismo?...Igualdade, humanidade, fraternidade, tolerância, espanhóis, este é, em quatro palavras, o sistema dos filósofos que alguns perversos os fazem olhar como se fossem monstros."*

Num outro libelo, intitulado ao modo de Juvenal, *"Pan y toros"* (Pão e touros), escrito por León de Arroyal, em 1793, denunciando o obscurantismo que novamente baixou sobre as terras espanholas, reduzindo a população à sobrevivência básica e à diversão nas arenas, concluiu que:

19889-Memorial do RGS - Livreto 8 8 14/6/2007 14:17:36

Haya pan y haya toros, y más que no haya otra cosa. Gobierno ilustrado: pan y toros pide el pueblo. Pan y toros es la comidilla de España. Pan y toros debes proporcionarles para hacer en los demás cuanto se te antoje in secula seculorum. Amén.

(Há pão e há touros, e não há mais outra coisa. Governo ilustrado: pão e touros pede o povo. Pão e touros é a diversão da Espanha. Pão e touros deves lhes proporcionar para fazer com os eles o que se aprouver, enquanto coloquem antolhos pelos séculos que ainda haverão de vir. Amém.)

Letras e Tintas

Afastada de muito longe do tempo da Idade do Ouro das letras espanholas (entre 1500–1660) - contemporânea à expansão e apogeu do império ultramarino, que então contou com um Cervantes (+1616), um Garsilaso de la Vega (+1616), um Góngora (+1627), um Lope de Vega (+1635), um Quevedo (+1645), encerrando-se com Saavedra Fajardo (+1648) e a publicação do *Idea de un Príncipe -,* a época de Goya mostrou-se pobre em obras significativas. Aquela grande literatura que legara à cultura ocidental personagens como o cavaleiro louco *Don Quijote*, o esfaimado pícaro *Lazarillo de Tormes*, e o infatigável conquistador de mulheres *Don Juan*, não deixara sucessores à altura.

Tanto assim que nomes de escritores, poetas, ensaístas e eruditos, contemporâneos de Goya, tais como Nicolás F. de Moratín (+1780), o padre José Francisco de Isla (+1781), José Cadalso (+1782), Nicasio Cienfuegos (+1787), Tomás de Iriarte (+1791), Juan Pablo Forner (+1797), d. José Cerda y Rico (+1800), Félix Maria Samaniego (+1801), o já citado Gaspar de Jovellanos (+1811), Juan Meléndez Valdés (+1817), hoje só são lembrados pelos historiadores e estudiosos da literatura hispânica. De certo modo, isso é a demonstração sociológica de como as artes, de

19889-Memorial do RGS - Livreto 9 9 14/6/2007 14:17:37

uma forma geral, se articulam com a situação material e política das nações, pois a mediocridade das letras contemporâneas ao grande pintor combinou com a decrepitude do império, abalado por guerras perdidas e por derrotas irrecuperáveis, além da estagnação econômica generalizada.

Esta situação veio a se agravar ainda mais com a crise política provocada entre os monarcas espanhóis Carlos IV e seu filho Fernando, o Príncipe das Astúrias, envolvendo Napoleão Bonaparte, o que acarretou a invasão da península pelas forças francesas em 1808, desastre que se estendeu até 1814.

O mesmo poderia se dizer da pintura. O último grande nome espanhol das palhetas tinha sido Diogo Velázquez, falecido em 1660, quase um século antes do nascimento de Goya. Os temas e as cores que foram vivas e audazes, nos tempos dos Habsburgo, *los Austrias* (1504–1700), como muitos preferem chamá-los na Espanha, pareciam ter esmaecido na época dos Bourbons (iniciada com Felipe de Anjou, em 1700). Este esvaziamento dos talentos de certo modo obrigou a Corte a buscar artistas franceses (Miguel Ângelo Houasse e Jean Rance, Louis Michel van Loo) e italianos (Giacomo Amiconi, Corrado Giaquinto, Antônio Rafael Mengs, Giovani Baptista Tieopolo). Muitos deles, além de retratarem o monarca e seus familiares e inúmeras cenas de caçadas, dedicaram-se à feitura de cartões que servissem como modelo à Real Fábrica de Tapetes Santa Bárbara, que Filipe V mandara fundar no intento de suprir a demanda nacional. Para ela é que o nome de Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828), então um jovem artista aragonês, nascido em Saragoça, foi indicado, tendo produzido um número considerável de modelos a serem aproveitados pelas tecelãs, entre 1775 e 1791.

19889-Memorial do RGS - Livreto 10 10 14/6/2007 14:17:37



Os pequenos cavaleiros, reunião de pintores espanhóis.
(desenho em lenço atribuído a Martínez del Mazo ou a Velázquez)

Espanha e França

As relações da Espanha monárquica com a França revolucionária, tema central na época de Goya, podem ser divididas em três momentos distintos. Num primeiro, logo que chegou a confirmação da execução de Luís XVI, por ordem da Convenção Jacobina, ocorrida em 21 de janeiro de 1793, a Coroa espanhola decidiu-se pela guerra, visto que ele pertencia à mesma família reinante no sul dos Pirineus. Carlos IV manifestava, assim, uma reação à morte de um parente seu, algo que não poderia deixar passar em brancas nuvens. De curta duração, foi encerrada em 22 de julho 1795, com a assinatura da Paz de Basiléia, sem que as armas espanholas tivessem qualquer sucesso.

Além disso, indispor-se com a França, inimiga do Império Britânico, implicava expor as colônias americanas ao poderio dos

19889-Memorial do RGS - Livreto 11 11 14/6/2007 14:17:37

ingleses. Uma Espanha bastante enfraquecida não podia enfrentar a esquadra britânica, que então dominava boa parte dos mares e oceanos, sem, de algum modo, contar com apoio dos franceses, fossem eles revolucionários ou não.



Manuel de Godoy – Goya

O artífice dessa nova política pró-francesa, de selar o destino da Espanha aos sucessos do Diretório e depois ao de Napoleão, que vai se estender por treze anos, foi Manuel de Godoy, um jovem comandante da Guarda Real que ascendera a posições extraordinárias junto à Corte de Carlos IV e da sua esposa, a rainha Maria Luísa. Intitulado como "Príncipe da Paz" e "Ministro Universal", ele governou o reino como seu virtual ditador, ainda que benigno. De certo modo, Godoy, um protetor de Goya que, como o pintor, não tinha origem aristocrática, estava totalmente adequado àquele momento histórico. Tratava-se de um daqueles "homens novos" que proliferaram então pela Europa como símbolo da Nova Era, provocada pela Queda da Bastilha, que projetou gente ambiciosa, sem vínculos com a fidalguia governante, e tidos como "aventureiros", pelo olhar das classes conservadoras.

19889-Memorial do RGS - Livreto 12 12 14/6/2007 14:17:38

Esta política pró-francesa, ainda que conduzida pela lógica do pragmatismo, não era bem vista pelos espanhóis em geral, na medida em que deixava Madri politicamente subalterna aos interesses gerais do Império Napoleônico. Feria-lhes o orgulho e o sentimento de honra ver o seu soberano depender dos humores do General corso, além de amarrar-lhes o destino à política de conquistas da França.

Tudo, de certo modo, foi tolerado até ocorrer o desastre naval de Trafalgar, durante a Segunda Guerra contra a Grã-Bretanha (1805-1808), batalha travada em águas da Espanha, no dia 21 de outubro de 1805, na qual marinha real aliada à esquadra francesa, foi fragorosamente batida pelos navios do almirante Nelson, dando início à decadência do império marítimo dos Bourbons espanhóis. Tal derrota, abriu caminho para a terceira e derradeira etapa daquele relacionamento difícil, quando os desentendimentos internos entre o rei e o príncipe da Espanha conduziram ao motim de Aranjuez, de 19 de março de 1808, seguido da violenta intervenção militar francesa a partir de 2 de maio de 1808.

No entendimento dos espanhóis, fossem fidalgos ou gente comum, não haviam mais sentido em manter-se ao lado de Napoleão, pois aquela aliança em nada garantira a manutenção dos territórios coloniais, como logo iriam constatar com a eclosão da revolta geral do Novo Mundo contra os vice-reis da Espanha.

Buenos Aires, por exemplo, capital do Vice-Reino do Prata, ameaçada pela esquadra do Comodoro Popham e pelo desembarque dos ingleses do General Beresford, entre 1806-1807, deles se livrou com um levante popular em que milícias urbanas de portenhos, comandadas pelo Capitão Honorário Manuel Belgrano, tiveram papel ativo na expulsão do inimigo, sem que a metrópole lhes pudesse auxiliar no que fosse (acontecimento que antecipou o que iria ocorrer em seguida na própria Madri, no ano de 1808). Tudo então conduziu para um aberto enfrentamento entre os antigos aliados: os franceses não eram mais bem-vindos na Espanha.

19889-Memorial do RGS - Livreto 13 13 14/6/2007 14:17:39

O Motim de Aranjuez

Trafalgar não fez afundar somente as esperanças da esquadra espanhola, levou consigo, igualmente, o pouco prestígio que ainda restava a Manuel Godoy, o valido do rei Carlos IV. O mal-estar reinante depois da derrota, a busca por um culpado pelas mazelas nacionais, fez com que a figura do ministro “afrancesado” se visse alvo do ódio de todos. O que havia de ruim, que estava acontecendo no reino, devia-se àquele homem. Explorando, em seu proveito, o descontentamento crescente, Fernando, o Príncipe das Astúrias, aliando-se a inúmeros nobres e militares descontentes, ambicionou abertamente remover do trono o seu pai, o rei Carlos IV. A oportunidade surgiu quando Godoy, sentindo um clima cada vez mais pesado cercando o rei, tentou fazer com que a Corte - imitando o que ocorrera em Portugal, invadido pelos franceses, ocasião em que o príncipe João e seus cortesãos foram transladados pela esquadra britânica para o Brasil – fosse removida de Madri, talvez para transportá-la para a América.



O Povo Cerca o Palácio Real (O Motim de Aranjuez, 19/03/1808)

19889-Memorial do RGS - Livreto 14 14 14/6/2007 14:17:39

A notícia do abandono da capital, por Carlos IV, gerou uma grande revolta. No 19 de março de 1808, multidões tomaram as ruas. O Palácio Real em Aranjuez, nas cercanias de Madri, viu-se cercado por multidão enfurecida. Não queriam que o rei partisse. Não só isso, exigiram que ele renunciasse ao trono. Enquanto isso, grupelhos mais extremados invadiram a residência de Godoy arrasando tudo. Em menos de 24 horas, o poder do Ministro Universal se esvaiu para sempre. Este episódio ficou na história da Espanha como o equivalente à Tomada da Bastilha. Era o segundo monarca Bourbon, depois de Luís XVI, a vir abaixo por motivo de uma sublevação generalizada do povo.

O Vexame de Bayone e o Levante de Dois de Maio



Madrilenos Atacam os Mouros (02/05/1808)

19889-Memorial do RGS - Livreto 15 15 14/6/2007 14:17:40

Até aquele momento, as tropas franceses que estavam acampadas na Espanha desde a campanha contra Portugal, comandadas pelo Marechal Murat, não haviam ainda sido envolvidas nas confusões espanholas. Todavia, isso não perdurou por muito. Insatisfeito com a situação, com a instabilidade que começou a se alastrar pela península inteira, Napoleão convocou os dois reis da Espanha, Carlos IV e Fernando, para um acerto em Bayone, em abril de 1808, atrás de uma solução da desavença entre o pai e o filho. A decisão dele foi a pior possível.

Obrigou, o pai e o filho, que descendiam de uma dinastia que reinava há mais de um século, a renunciarem ao trono e indicou, para ocupar o lugar, ninguém mais senão o seu irmão, José, entronando-o como José I de Espanha. Esta manobra desastrada foi demais para a insuportável amargura do povo. A Espanha não somente perdera Trafalgar, e o que restava do domínio dos mares, como ainda era constrangida a assistir o trono ser ocupado por um rei estrangeiro. A tensão na capital subiu a níveis inauditos, visto que os brios nacionais viram-se então arrastados na lama.

As patrulhas de Murat se viram atacadas de todos os lados. Tiros partiam das janelas enquanto azeite fervendo era jogado do alto das casas e das sacadas contra os soldados. Pelas ruas, armados com o que tinham à mão, fossem foices, pás, ou porretes, turbas de patriotas vagavam, coléricos, dando caça à gente francesa. Juntos, naquela orgia de violência, eram por igual perseguidos os afrancesados, os que colaboravam com Napoleão ou lhe eram simpáticos. Ninguém captou o sentimento de ódio e de vingança que acometeu o povo de Madri naquela ocasião senão Goya, em suas gravuras, bravura aquela que não demorou a ser cruelmente reprimida pela represália desencadeada pelos regimentos de Murat. As ruas e vielas de Madri tornaram-se um açougue a céu aberto

Como registro testemunhal do ocorrido, o poeta *Don Juan Nicasio Gallego* (1777-1853), deixou o seguinte verso:

19889-Memorial do RGS - Livreto 16 16 14/6/2007 14:17:41

O Dois de Maio

Noite, tenebrosa noite, eterno asilo
do miserável que esquivando o sono
em teu silêncio pavoroso geme,
não desdenhes minha voz: narcótico letal
empresta a minhas têmporas, e em teu horror sublime
empapada a ardente fantasia,
dá a meu pincel fatídicas cores
com que o tremendo dia
trace ao fulgor de vingadora tocha
e o ódio irrite da pátria minha,
e escândalo e terror ao orbe seja...

Galdós Descreve as Represálias



Granadeiro tenta raptar rapariga (Os Desastres da Guerra – Goya)

19889-Memorial do RGS - Livreto 17 17 14/6/2007 14:17:41

- Uma vez que tomaram o parque -continuou João de Deus - entraram nessa casa da esquina e em outra da rua de São Pedro para prender todos os que haviam ateado fogo, e tiraram até duas dúzias de infelizes. Ai, Gabriel, que consternação! Eu entrava na taverna para jogar um pouco de água na mão... porque saberás que uma bala me levou os dois dedos... entrava na taverna e vi que tiravam Inês. A probrezinha chorava como uma criança e voltava as vistas para todos os lados, sem dúvida me procurando com seus olhos. Me aproximei, e falando em francês, roguei ao sargento que a soltasse; porém me deram tão forte pancada que quase perdi o sentido. Se visses como chorava o pobre anjo, e como olhava para todos os lados, procurando-me sem dúvida!... Eu enlouqueço, Gabriel. O bom eclesiástico subia a escada quando o pegaram, e dizem que levava uma faca na mão. Todos os da casa estão presos. Os franceses disseram que desde ali haviam lhe jogado uma panela de água fervente. Gabriel, se não põem em liberdade a Inês, eu morro, eu me mato, eu lhes direi aos franceses que me matem. (B.P.Galdós *"Episodios Nacionales III: El 19 de marzo – El 2 de mayo"*, p.292.)

Goya, o Pintor das Mil Caras

Nascido em Fuendetodos, aldeia da província de Saragoça, em 30 de março de 1746, capital de Aragão, aos treze anos já adentrava no ateliê de José Martínez Luzán, para fazer da profissão de pintor o seu destino e consagração. Ainda que rejeitado pela Real Academia de *Bellas Artes* de Madri - e após uma proveitosa viagem à Itália no ano de 1770, patrocinada pelos eclesiásticos, seus protetores, que o fizeram ingressar na Academia de Parma -, ele abandonou em definitivo a província. Graças ao empenho de Francisco Bayeu, seu cunhado e mestre, alcançou chegar-se à Corte, na capital.

19889-Memorial do RGS - Livreto 18 18 14/6/2007 14:17:42

Pintor da Corte

Goya deixou para trás um conjunto de temas religiosos que executou nas igrejas de Calatayud, Muel e Remolinos, no Palácio dos Condes de Sobradiel, além das que realizou na Cartuxa Aula Dei e no Coreto da Basílica do Pilar, em Saragoça, nas quais são evidentes as influências dos temas classicistas e mitológicos adquiridos pela viagem à terra de Corregio e Carraci, período esse considerado de aprendizado, sem maiores conseqüências para o seu desenvolvimento posterior, pois logo encontrou outros caminhos para expressar sua arte.

Não tardou muito para que, à força do seu evidente talento, de colaborador da Real Tapeçaria, se projetasse como um dos melhores artistas à disposição de Carlos III. Deslumbrou-se com o acervo de telas de Velásquez de quem, por muita repetição, aprendeu a fazer retratos, gênero que ele dominou com brilho, vigor e intensidade, formando grossa clientela.

Na Corte, na qual trabalhou prodigiosamente por 40 anos, Goya estreitou seu convívio com os *ilustrados*, os reformistas afrancesados que cercavam ou compunham os ministérios, primeiro com Jovellanos e depois com Manuel Godoy. Sucedem-se as obras. Trafega com desembaraço crescente entre as solicitações dos religiosos (frescos de *San Antonio de la Florida*, *Jesus en el Huerto*), dos soberanos (Carlos III, Carlos IV e a família real, do infante Don Luís de Bourbon), dos ilustrados amigos (Jovellanos, Godoy) dos fidalgos (Conde de Floridablanca, Don Martínez y Pérez, Conde de Altamira) e das fidalgas (Duquesa de Alba, Duquesa de Osuna, Condessa de Chinchón), e, finalmente, aquilo que ampliaria ainda mais seu nome, a massa de gravuras testemunhais ou imaginativas, fruto do que viu e do que possivelmente sonhou.

19889-Memorial do RGS - Livreto 19 19 14/6/2007 14:17:43



Carlos IV e a Família Real - Goya

A multiplicidade dos temas das suas telas e desenhos foi ímpar. Dos salões da fidalguia e dos familiares do soberano, de incontáveis retratos dos "grandes" do reino, passava às cenas de galantaria e de aprazíveis encontros campestres ou de caçadas. Em seguida, abria as portas do mundo popular, aquele dos palcos da farândola, das exibições das guitarras, dos bailes folclóricos, dos carnavais e das praças de touros. Ou ainda, o horripilante planeta dos endemoniados, espiando para dentro dos pátios dos hospícios com seus "currais" de loucos.

Do palácio à rua, do nobre ao comum, do ambiente refinado ao lugar miserável, sórdido mesmo, tudo foi por ele revelado, tal como se fora um ativo jornalista de costumes, sempre atento ao exótico e ao bizarro, ao que chamasse a atenção dos outros, pela beleza, pelo espanto ou mesmo pelo terror (como sua célebre tela "Saturno devorando o seu filho", 1820-1823). Mereceu-lhe atenção, inclusive, um pobre coitado que desabara de uma obra em construção (*El albañil herido*, 1786-7).

19889-Memorial do RGS - Livreto 20 20 14/6/2007 14:17:43

Peregrinação a *San Isidro*

Esta oscilação de cento e oitenta graus no entendimento dele sobre as coisas do mundo, observada com muito acerto por Robert Hughes, exemplares são as duas telas que ele compôs sobre o mesmo tema, distanciadas uma da outra por mais de trinta anos. Na primeira, *La pradera de San Isidro*, pintada num cartão em 1788, mostra um piquenique de fidalgos nas cercanias de San Isidro, então um parque natural na periferia de Madri, assim batizado em homenagem ao santo patrono da cidade.

Casais de jovens bem nascidos, dândis e graciosas, se espalham pela colina para um almoço amigável, no qual salientam-se gestos educados, gentis, em meio a uma conversa que parece ser agradável, enquanto que pela pradaria se espalha uma enorme quantidade de diligências e coches trazendo mais pessoas da cidade a fim de acampar naquelas aprazíveis delícias para homenagear o santo no seu dia. Trinta e tantos anos depois, aquele mesmo local vê-se invadido por uma outra multidão, na verdade, uma turba tenebrosa.



Peregrinação a San Isidro

19889-Memorial do RGS - Livreto 21 21 14/6/2007 14:17:43

Passado aquele tempo, com revoluções, invasões e guerras, os peregrinos de San Isidro são outros. Assemelham-se a personagens fantasmagóricos saídos das escuridões da terra. É um povo bruto e feio, assustado e assustador, que se comprime no alto da colina santa. Por detrás da primeira leva, um miolo caricaturesco formado por aleijões e alucinados, estende-se uma fila sombria de encapuzados, marchando como se fora um pesadelo, encobertos por um cenário dominado pela obscuridade de um entardecer repentino. É a procissão dos desgraçados da terra. Nunca, na história cultural da Espanha, fidalgos e a gente comum foram mostrados de um modo tão contrastante como pela composição e cores daqueles dois quadros de Goya, tendo *San Isidro* de pano de fundo.

As Marcas da Guerra

Outro momento artisticamente excepcional de Goya se encontra em dois outros quadros seus, ambos pintados no mesmo ano, de 1814, ocasião em que os exércitos franceses já haviam evacuado Espanha. Tratam de cenas vivas dos acontecimentos de maio de 1808, presenciadas por ele, quando a multidão de Madri enfrentou o exército ocupante. No "*El 2 de Mayo de 1808 em Madrid*", data do famoso levante antifrancês, vê-se um feito impressionante: o momento em que um esquadrão de mamelucos, tropa de choque de mercenários trazida por Murat à Espanha, e que estava a trote pelas ruas da cidade, é atacado pelos civis madrilenos.

Estes, num desassombro de coragem, apunhalam os soldados e ferem com lanças suas montarias, enquanto um outro popular, com escopeta, dispara contra um mouro. Parecem participar de uma luta contra touros. Armados com cimitarras, surpresos com a ousadia, eles as brandem contra a turba enfurecida que os acomete de todos os lados. No chão um

19889-Memorial do RGS - Livreto 22 22 14/6/2007 14:17:45

mameluco está estendido e um civil também, ambos mortos. É um quadro em que predomina o movimento, a ação apresentada como um redemoinho formado por braços empunhando punhais e espadas, um flagrante de uma batalha urbana travada como se o pintor estivesse ali mesmo, olhando tudo com uma poderosa lente, captando cada detalhe.

O *"Los fusilamientos del 3 de mayo"*, uma das suas composições mais conhecidas - imagem que circulou pelo mundo – mostrando a represália dos franceses contra os participantes da insurreição do dia anterior. Os prisioneiros, uns 400 deles, levados para as proximidades dos muros da cidade e, tendo uma pequena colina como anteparo das balas extraviadas, foram fuzilados em grupos de dez. O pelotão fatídico dos infantes alinha-se à direita. De nenhum soldado francês é mostrada a face. Trata-se de uma máquina desumana de matar em série.



Os Fusilamentos de 3 de Maio – Goya

No solo do terreno plano repousa um grande lampião que lança uma luz sobre os patriotas amontoados e colocados frente aos seus executores, praticamente equilibrando-se em cima dos

19889-Memorial do RGS - Livreto 23 23 14/6/2007 14:17:45

cadáveres dos que já haviam tombado. Nenhum deles sequer mereceu uma venda nos olhos, pois se trata de um ato de repressão e não de julgamento. É a vingança fria do invasor. Aguardando a vez, desesperados, outros madrilenos formam uma fila que espera o momento de enfrentar os chumbos. O centro da tela é dominado pelo civil anônimo com camisa branca que abre seus braços em cruz, expressão do martírio da população comum e da própria Espanha, ocupada pela força imperial de Napoleão, quadro que se tornou metáfora universal da violência desencadeada contra os que lutam pela liberdade.

Canibais e Assaltantes

Tal fora um acompanhante da crônica policial, são inúmeros os quadros e gravuras de Goya sobre a atividade dos assaltantes da Espanha, gente daninha, predadora, cruel e assassina, que era o tormento dos viajantes das estradas inseguras de então, cuja ação e modo de vida serviu de inspiração para muitos letrados e artistas do romantismo, antes ou depois dele (como foi o caso "Dos Bandidos" de Schiller, peça de 1780, a "Carmen" de Prosper Mérimée, de 1845). Impressionantes, também, são as cenas de canibalismo, temática que prolifera ao longo do seu trabalho, tanto aqueles cometidos por primatas dentro de cavernas como o canibalismo mitológico de Saturno, tela tida como a mais aterradora de Goya e uma das mais chocantes da história da arte em todos os tempos.

Muitas outras pinturas e gravuras dele testemunham a queda dos desgraçados: o pobre garroteado, outro preso aos ferros, o réu frente ao tribunal do Santo Ofício, a vampirização de um homem por bruxos, uma extração de dentes, a tola crendice feminina, a dureza invernal da gente do campo, etc.

Cético, descrente das projeções do sobrenatural, num dos Desastres, o de nº 69, desenhou um esqueleto esgueirando-se do túmulo trazendo nas mãos apenas uma folha escrita com a

19889-Memorial do RGS - Livreto 24 24 14/6/2007 14:17:46

palavra “Nada”. Para espanto do grupo que estava ao seu redor, a morte era somente um grande silêncio.

As Impressionantes Gravuras de Goya

“O autor está convencido de que é uma tarefa do pintor criticar os erros e vícios humanos da mesma maneira que o fazem a poesia e a prosa.”
- Goya -

Provavelmente depois de Rembrandt, poucos mestres conseguiram atingir o preciosismo da técnica da gravura como Goya. Pode-se considerá-la a arte do instantâneo, daquilo que não demanda muito tempo na sua feitura e que corresponde mais rapidamente a uma idéia fugaz do artista. A prática da água-forte da litografia era recente, e o artista fez largo uso dela para atender aos flagrantes e às diversões do povo (as cenas de touradas e as popularíssimas corridas de touros), assim como as peripécias do dia-a-dia dos espanhóis, registrando o instante maravilhoso, insólito, em que algo, real ou imaginário, sucede na mente do criador, que logo lhe dá vida em forma de imagem.

Elas estão divididas em quatro grandes blocos e formam um conjunto que é bem superior a 200 estampas, separadas entre:

1) ***Os Caprichos***: 80 gravuras realizadas entre 1797 e 1799, cuja temática satiriza, com forte teor crítico, caricatural, os vícios e defeitos latentes na sociedade espanhola do Antigo Regime. As cenas, em sua grande maioria desenvolvidas em ambientes noturnos, giram em torno de dois temas principais: a prostituição e a superstição. Nas palavras do próprio artista, seus caprichos tinham o intuito de “fustigar preconceitos, imposturas e hipocrisias consagradas pelo tempo”. A comercialização das obras chegou a ser proibida pela Inquisição.

19889-Memorial do RGS - Livreto 25 25 14/6/2007 14:17:46



Sátira aos Pequenos Fidalgos da Espanha - Goya

2) ***Os Desastres da Guerra:*** 82 estampas fortemente realistas sem data certa de execução, que conduzem à sátira política e a um irado protesto contra os crimes da humanidade. Os horrores da Guerra da Independência Espanhola (1808-1814) foram impressos com muita força dramática, juntamente com títulos em formato de comentários, provérbios, insultos ou elogios. “Eu o vi”, escreveu Goya numa delas. Era uma visão completamente oposta à daqueles tantos outros artistas convencionais que a pintavam como palco da grandeza e da honra. Como seu antecessor somente se aponta Jacques Callot (+1635), que desenhou os tormentos da Guerra dos Trinta Anos, numa série de estampas em 1633. Provavelmente em função do receio da pena de morte, Goya tenha escondido seu testemunho até o final de sua vida: *Os Desastres da Guerra* só foram impressos em Madri em 1863, trinta e oito anos após sua morte.

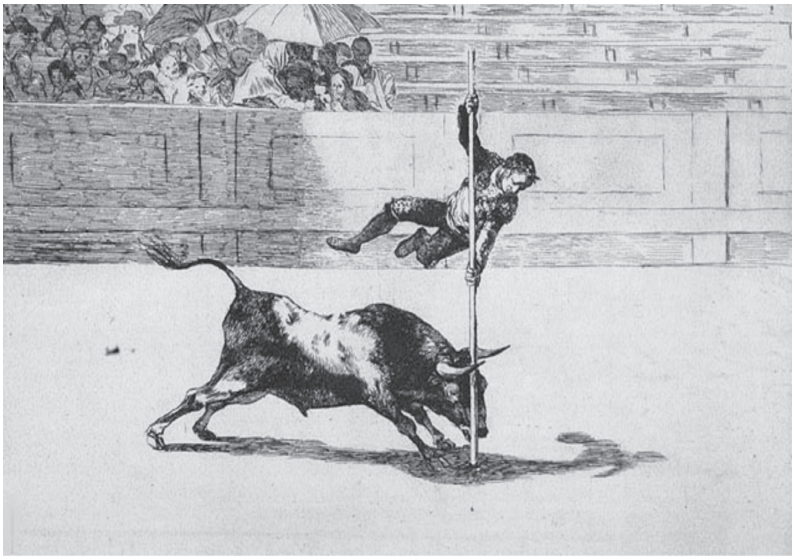
19889-Memorial do RGS - Livreto 26 26 14/6/2007 14:17:46



Os Mutilados - Goya

3) ***A Tauromaquia****:* conjunto de 40 gravuras sobre as touradas, engendradas a partir de 1815. Série que foi realizada em uma época de dificuldades financeiras do artista e num período de intensificação da censura e vigilância da parte do Tribunal da Inquisição. A maioria das suas cenas apresenta o dinamismo e a violência do encontro entre o homem e a fera com intenção documental, como se fora um jornalista que é testemunho do que se passou na arena de touros. Uma espécie de versão castelhana do combate dos lápidas contra os centauros esculpidos nos frisos do Partenon.

19889-Memorial do RGS - Livreto 27 27 14/6/2007 14:17:47



Saltando Sobre o Touro - Goya

4) ***Os disparates***: por fim, resulta na série de mais difícil interpretação; as especulações se dão em torno de uma concepção surrealista da sociedade, da sátira de acontecimentos políticos, da psicologia e das tradições folclóricas e carnavalescas do povo da Espanha. Acredita-se que esse trabalho - também conhecido como *Provérbios* - não chegou a ser concluído, sendo a última grande coleção de Goya. As gravuras mostram impressões oníricas e fantásticas, repletas de monstros, assombrações, bruxos, fantasmas gigantescos, de máscaras voadoras, de animais e pássaros estranhos, de morcegos, de espíritos assustadores e outros seres inexplicáveis. Para tanto, o artista mergulhou nos fundos mais sombrios das fantasias e fobias humanas, algo assim como a visão de um lunático ou de um desvairado sobre os mistérios do inominável, composições que foram uma inesgotável fonte de inspiração para Salvador Dali e Luís Buñuel e tantos outros surrealistas do século XX.

19889-Memorial do RGS - Livreto 28 28 14/6/2007 14:17:48



Los Disparates – Goya

Surdez , Isolamento, Repressão e Exílio

Perdendo a audição desde que sofrera uma grave e estranha doença em 1792, durante uma viagem, Goya isolou-se cada vez mais. Comentam que seu lado dramático aflorou mais ainda depois disso. O fato dos franceses terem se retirado e um rei espanhol voltar a empunhar o poder não livrou o reino das desgraças nem trouxe a almejada paz ao país. Vingativos, os partidários de Fernando VII, um absolutista convicto e intransigente, deram caça a todos aqueles políticos e figuras eminentes que haviam apoiado as reformas iluministas desde a época de Carlos III e de Godoy, culpando-os pelas perdas do império.

Eram os tempos da Santa Aliança na Europa (1815-1848). A coligação legitimista e reacionária, restaurando o mando dos nobres e do clero, espanta os burgueses e o povo e sufoca as liberdades. Os amigos de Goya e o próprio artista, então com mais de 70 anos de idade, vivendo retirado desde 1819 na sua propriedade *La Quinta del Sordo*, situada nas margens do rio Manzanares, sentiu-se ameaçado. O clima reinante, perigoso e soturno, seguramente o conduziu às Pinturas Negras, sucessão impressionante de 14 obras, pintadas entre 1819-1823, realçando a estupidez e os pavores coletivos.

19889-Memorial do RGS - Livreto 29 29 14/6/2007 14:17:50

Em vista da situação política, não houve outra solução senão se abrigar no exílio. Anistiado e tendo recebido uma generosa pensão real, faleceu octogenário em Bordéus, na França, junto com seus companheiros liberais, Leandro Fernández de Moratín e o poeta, Silvela, entre outros, no dia 28 de abril de 1828.

Certa vez, um criado dele, Isidro, impressionado com as Pinturas Negras com que decorou La Quinta, perguntou-lhe qual o motivo dele enfocar "as barbáries dos homens", Goya então lhe respondeu: "Eu as pinto para ter o gosto de dizer eternamente aos homens que não sejam bárbaros".

Cronologia

Ano	***Acontecimentos***
1746	Nascido em 30 de março, Goya recebe as crismas na Igreja de Fuendetodos, aldeia da província de Saragoça, capital de Aragão.
1770	Viagem à Itália como bolsista da Academia de Arte de Parma, retornando no ano seguinte a Saragoça, onde começa os afrescos da igreja da Cartuxa de Aula Dei.
1774	Mudança para Madri. Produz cartões para a Real Tapeçaria de Santa Bárbara, o que logo o habilita a ser recebido na Corte. Carlos III o protege e encomenda-lhe retratos.
1783	Retrata os ministros do rei e membros da alta nobreza.
1786	Nomeado pintor do rei, com proventos de 15 mil reais.
1789	Nomeado como pintor da câmara. O novo rei Carlos IV, por igual, o apóia. Eclode a Revolução Francesa.
1792	Goya adoece com gravidade. Nunca mais recuperou a audição. França proclama-se república, Luis XVI e sua esposa são encarcerados no Templo em Paris. Condenados pela Convenção são executados no ano seguinte.
1795	Ironicamente, torna-se diretor da Real Academia de *Bellas Artes,* que o havia rejeitado quando pintor iniciante. Faz o retrato da famosa Duquesa de Alba e do seu marido. A Paz de Basiléia põe fim ao conflito da Espanha com a França do Diretório. Começa a ascensão de Manuel Godoy, o valido do rei Carlos IV e protetor de Goya.
1800	Famosa tela *La familia de Carlos IV.*

19889-Memorial do RGS - Livreto 30 30 14/6/2007 14:17:50

1805	Batalha naval de Trafalgar. Desaparece o poder naval da Espanha Imperial e começa o declínio de Manuel Godoy e dos afrancesados.
1807	Tropas francesas entram na Espanha para conquistar Portugal devido a sua negativa em participar do Bloqueio Continental.
1808	Motim de Aranjuez. Carlos IV abdica. Godoy é perseguido. O príncipe Fernando ambiciona o trono como Fernando VII. Napoleão os convoca para o Acordo de Bayone. Os reis da Espanha renunciam em favor de José Bonaparte. Multidão em Madri se revolta contra as tropas francesas. A guerra se alastra pelo país. Napoleão ocupa a Península Ibérica.
1810	Goya começa a série *Los Desastres de la Guerra.*
1814	Com a retirada francesa, Fernando VII retoma a coroa da Espanha. Seguem-se tumultos e desacertos de toda ordem. Pintura do El *2 de mayo de 1808*, em Madri, e do célebre *Los fusilamientos del 3 de mayo*. Acusado pela Inquisição de pintar obscenidades devido ao encontro da tela *La maja desnuda*, confiscada dos bens de Godoy.
1816	Aparecimento da *Tauromaquia.*
1819	Goya adquire *La Quinta del Sordo*. Começo das Pinturas Negras, que marcam o fim artístico do Século das Luzes.
1820-1823	Guerra civil entre liberais e absolutistas. Nova Intervenção militar francesa, desta feita, em nome da Santa Aliança, para restabelecer o absolutismo de Fernando VII. Onda de perseguições aos liberais. Goya teme por sua segurança e transfere a propriedade ao seu neto Mariano.
1826	O rei termina por conceder-lhe generosa pensão, depois dele ter passado um tempo exilado na França.
1828	Morreu no dia 16 de abril em Bordéus, na França, cidade em que decidiu passar os seus últimos momentos. Seus restos mortais, suas cinzas, encontram-se na ermida de *San Antonio de la Florida*, cujos afrescos ele pintou.

Bibliografia

Aymes, Jean-Renné – ***La Guerra de la Independencia en España (1808-1814).*** Madrid: Siglo XXI de España editores, 1974.

Anes, Gonzalo – ***El Antiguo Régimen: Los Borbones***, in Historia de España Alfaguara IV.Madrid:Alianza Editorial, 1975.

19889-Memorial do RGS - Livreto 31 31 14/6/2007 14:17:51

Artola, Miguel – ***La Burguesía Revolucionaria (1808-1874).*** Madrid. Alianza Editorial.1973.
Bennassar, Bartolomé – ***Historia de los españoles***. Barcelona: Editorial Crítica, 2v.1989.
Bozal Fernández, Valeriano - ***Goya y el gusto moderno.*** Madrid: Alianza Editorial, 1994.
Carr, Raymond – ***España: 1808-1939***. Barcelona: Editorial Ariel, 1969.
Carpentier, Alejo – ***O Século das Luzes***, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
Elorza, Antonio – ***La ideología liberal en la ilustración española.*** Madri: Tecnos, 1970.
Galdós, Benito Pérez – ***Episodios Nacionales lll: El 19 de marzo – El 2 de mayo***. Madrid: J.Noguera&Martínez, 1875.
Gassier, Pierre - ***Dibujos de Goya: Los Albumes.*** Friburgo: Office du Livre, 1973.
Hagen, Rose-Marie e Rainer – ***Goya.*** Colônia: Taschen/Paisagem, 2003. Herr, Richard - ***España y la Revolución del siglo XVIII****. Madrid:* Aguilar, 1975.
Hughes, Robert – ***Goya***. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
Kamen, Henry – ***A Inquisição Espanhola***. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
Kamen, Henry – ***Imperio: la forja de España como potencia mundial***. Madrid: Aguilar Editorial, 2003.
Pinedo, E. Fernández de (y otros) – ***Centralismo, ilustración y agonía del antiguo régimen (1715-1833),*** in Historia de España. Barcelona: Editorial Labor, 1983.
Moreno, Ceferino (org.) – ***Grabados Españoles de los Siglos XVIII y XIX***. Madrid: Dirección General de Relaciones Culturales del Ministerio de Asuntos Exteriores, 1982.
Ortíz, Antonio Domínguez - ***Sociedad y Estado en el siglo XVIII español****.* Barcelona: Ariel, 1981.
Sarrailh, Jean – ***La España ilustrada de la segunda mitad del siglo XVIII***. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
Seco Serrano, Carlos – ***Godoy: el hombre y el político***. Madrid: Epasa-Calpe, 1978.
Tizón, Héctor – ***La España Borbónica.*** Madrid: Altalena D. L., 1978.
Torri, Julio – ***La Literatura Española***. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.
Wilson-Bareau, Juliet – ***Goya***. *Yale University Press*, 1997.

19889-Memorial do RGS - Livreto 32 32 14/6/2007 14:17:51